Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384
Boletim do Tempo Presente, nº 13, 2019, p. 58-69, http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: NOTAS SOBRE O COTIDIANO DE ARACAJU APÓS O ATAQUE DO U-507 (1942-1945)

Andreza S. Cruz Maynard

Dilton C. S. Maynard

RESUMO

Este artigo apresenta alguns desdobramentos da série de ataques realizados pelo submarino alemão U-507 entre os estados de Sergipe e Bahia, em agosto de 1942. O acontecimento serviu de estopim na declaração de guerra do Brasil à Alemanha e afetou não apenas a vida política nacional, mas o próprio cotidiano de Aracaju nos dias da Segunda Guerra Mundial. Entre a documentação utilizada, privilegiamos os relatórios produzidos pelas autoridades locais no episódio dos torpedeamentos, além de jornais, revistas, livros de memórias, depoimentos em vídeos e processos-crimes. O estudo levanta questionamentos sobre como se viveu a Guerra, propondo assim uma leitura mais ampla da História Política, buscando ampliar as poucas informações sobre os destinos dos náufragos, os efeitos de curto e médio prazo na vida da população, as transformações em um espaço afastado do teatro de guerra após os ataques submarinos ocorridos em Sergipe durante o maior conflito do século XX.

Palavras-chaves: Segunda Guerra- Torpedeamentos- Cotidiano- Brasil - Sergipe

ABSTRACT

This article examines the impacts of the attacks carried out by the German submarine U-507, between the braziian states of Sergipe and Bahia, in August 1942, in the event which served to trigger the declaration of war from Brazil to Germany. So, the article focus some aspects of the policy and everyday life in World War II. Among the sources, we use police and government reports, newspapers, memoirs, testimonials, videos and process-crimes. The study raises questions about how people in Sergipe lived the war, thus proposing a broader reading of history policy seeking to expand the limited information on the destinations of the castaways, the effects in short and medium term in the day by day, the effects of submarine attacks in the greatest conflict of the twentieth century.

***Keywords*:** World War II – Sergipe –Sinking - Brazil- Everyday Life- U-boat

Deu no *New York Times* em 24 de agosto de 1942: "The city of Aracaju, capital of the state of Sergipe will be blacked out nightly, and any person on the streets after 11 p.m will be arrested"[1]. Foi assim que as consequências imediatas dos torpedeamentos

[1] US tanker reported sunc. **The New York Times.** August 25, 1942. Os torpedeamentos são notícia em outras edições do *New York Times*, a saber: 5 BRAZILIAN ships. **The New York Times.** August 18, 1942. BRAZILIAN losses total 19. **The New York Times.** August 18, 1942; 7 U-BOATS reported bombed off Brazil. **The New York Times.** August 20, 1942.

de navios mercantes, ocorridos poucos dias antes, em pleno do litoral brasileiro, começaram a repercutir na imprensa estrangeira. Por sua vez, o jornal *New Orleans State*, noticiou o ataque e apontou os riscos provocados pela presença de espiões do Eixo no Brasil:"Their ships, engaged in coastwise commerce, have been torpedoed right off theirs shores. Many Brazilians were killed in these outrages. Axis spies and agentes have been plotting in Brazil's own soil, and stirring up trouble for Brazil or Brazil's friend"[2].

Em Cuba, o então presidente Fulgêncio Batista assinou, em 28 de agosto, o Decreto-Lei n.2390, condenando o ataque. O jornal *El Telégrafo* afirmou que o Equador, "al igual de los demás países de América, se ha sentido vivamente conmovido y hondamente indignado, ante el temerário y premeditado ataque de los submarinos alemanes al convoy de barcos mercantes brasileros, que surcaba en tranquilo viaje territoriales del Brasil, muy cerca de la costa"[3]. Os afundamentos foram o estopim para a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e Itália, naquele que foi descrito como o nosso próprio "Pearl Harbor". Nas palavras de Neil Lochery, "the Americans described the losses as Brazil's Pearl Harbor, and this comparison was spot-on"[4].

Mas o que ocorreu? Na noite de Noite de sábado, 15 de agosto de 1942, em águas de Sergipe, pouco depois do jantar, os tripulantes e passageiros do navio mercante Baependy sentiram o impacto e o estrondo provocado pelo ataque do submarino alemão U-507. Além do Baependy, o Araraquara, que também navegava na região, foi atacado na mesma noite. Outro navio, o Aníbal Benévolo, estava a cerca de 7 milhas das praias sergipanas quando foi atacado. Parte dos náufragos do Itagiba foi resgatada pelo Arará, já no domingo[5]. Atento todo o tempo, o *Komanndant* do submarino esperou os náufragos subirem a bordo e, em seguida, também torpedeou aquela embarcação. As vítimas foram tragadas pelas águas e os sobreviventes levaram tempo para alcançar terra firme. Nos casos dos náufragos do Baependy, do Aníbal Benévolo e do Araraquara, alguns chegaram às praias da região Sul de Sergipe. Outros corpos foram parar nas proximidades da Praia de Atalaia, em Aracaju.

[2] **New Orleans State**. August 25, 1942.
[3] SOLIDARIDAD cone l Brasil. **El Telégrafo**. Guayaquil, 21 de agosto de 1942.
[4] LOCHERY, Neill. **Brazil: fortunes of War**. New York: Basic Books, 2014.p.156.
[5] Eram estes os quantitativos dos ocupantes dos navios: Aníbal Benévolo: 154 ocupantes, sendo 71 tripulantes e 83 passageiros; Arara: 35 tripulantes; Araraquara: 146 ocupantes, sendo 73 tripulantes e 73 passageiros; Baependy: 323 ocupantes, sendo 73 tripulantes e 250 passageiros; Itagiba: 179 ocupantes, sendo 60 tripulantes e 119 passageiros. Cf. **AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p.18.

Corpos nus, mutilados, corroídos, inchados, parcialmente comidos pelos peixes ou banhados pelo combustível que também manchou as águas, restos de gente que apareciam e chocavam os habitantes da capital Aracaju, além de Estância e dos povoados Praia do Saco e Porto Mato. Os praianos das regiões que receberam as vítimas dos torpedeamentos também relataram o choque. Como resultado, o ataque matou tripulantes das embarcações, passageiros militares e civis. A tragédia parecia maior devido às crianças. No caso do Baependy, embarcação com maior contingente (323 pessoas), que transportava filhos de oficiais do 7º Grupo de Artilharia de Dorso, nenhuma escapou com vida[6].

Aracaju não estava preparada para tamanha tragédia. E tudo teve que ser improvisado. Na realização das autópsias, é possível identificar entre os registros fotográficos os corpos jogados ao chão, evidenciando a precariedade do processo. Os sobreviventes que chegaram a Aracaju foram espalhados pelos hotéis da cidade: Hotel Central, Hotel Rubina, Hotel Marozzi, Avenida Hotel, Hotel Sul Americano, além do Hospital de Cirurgia, do Palácio do Governo, do Quartel 28º Batalhão de Caçadores e das casas de algumas pessoas da cidade.

Mas afinal, quem eram essas pessoas? O que deixaram para trás? Quais as consequências de suas mortes? Não é fácil encontrar as respostas. Entre os corpos que chegaram às praias sergipanas, alguns deles estavam tão destroçados que se encontraram apenas pedaços: "parte do esqueleto, bacia, coxas e pernas, encontrado no lugar denominado de Coroa do Claudiano"; outros apresentavam tamanha fase de putrefação que, quando finalmente localizados, precisaram ser rapidamente enterrados. Com as vítimas chegaram às praias diversos pertences pessoais tais como joias, roupas, sapatos, carteiras etc.

No entanto, sabe-se que essas peças não serviram apenas para identificação dos corpos. Eles também instigaram a cobiça de alguns. O saque aos mortos, embora combatido e criticado, ocorreu com uma frequência distinta daquela mencionada nos registros oficiais[7].

[6] SANTANA, Santos. "O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe". In: **Aracaju dos meus amores**. Aracaju: PMA/SEC, 1983, p.81-85. Ver ainda: CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955, p.128. Ver ainda o **Inquérito Policial Militar** sobre os torpedeamentos promovido pela 6a. Região Militar. Salvador, agosto de 1942.

[7] O caso de Nelson de Rubina, acusado de furtar três anéis de uma mulher chamada Virginia Auto de Andrade é talvez o mais conhecido na historiografia regional. Sobre isto consultar: BARROS, Maria L P. **O caso de Nelson Rubina: Guerra e Cotidiano em Aracaju (1942-1943)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, 2015.

Por exemplo, as joias de Eduardo Alexandre Bauman, um segundo tenente convocado, foram "apreendidas em mãos de um individuo" na Barra de São Cristóvão. Após saquearem o corpo do rapaz de 27 anos, populares enterraram-no em 17 de agosto de 1942. O corpo, quando encontrado pelas autoridades, apresentava "esmagamento parcial de partes moles – dos dedos anular e médio da mão direita e uma contusão da região frontal" [8]. Sua esposa, Eunice Neiva Baumann, sobreviveu. Em 30 de outubro de 1948 é possível encontrá-la envolvida no pedido de emissão de Certidão de Óbito para o falecido marido[9].

Porém, prefere-se frequentemente seguir a interpretação oferecida pelas autoridades do período na qual "Governo e povo se ajuntaram aqui, mais democraticamente ainda, afluindo às praias a fim de levarem aos náufragos o amparo e a proteção do Brasil, e de proporcionarem sepultura aos mortos, com respeito, patriotismo e religiosidade" [10]. Os depoimentos de algumas testemunhas, porém, suscitam interpretações dessemelhantes. É o que nos conta, por exemplo, Dona Dedé (Maria Martinha Araújo): "Dinheiro muitos apanharam, moiado, era escolhendo as horas pra botar no Sol, quando pôr. E porque a gente via pobre e ficou bem de vida, ficou bem de vida, eles diziam que não foi daquilo não, foi do trabalho, mas todo mundo tava sabendo que foi daquele negoço, daquela miséria que teve"[11].

O susto, o assombro, o medo, conviveram com o desejo, a ganância, o senso de oportunidade: "Você sabe o que é três navios meu irmão? Trazendo aquela mercadoria trazendo gente morto, gente vivo veio pouco, mas gente morto neh? Com dinheiro", lembrou Demétrio José dos Santos[12]. Todavia, é preciso destacar que a historiografia pouco explorou estes saques, estas posturas nada elogiáveis diante do horror, mas que envolviam decisões rápidas, que foram realizadas por diferentes segmentos sociais. Não apenas a gente mais simples, a "arraia miúda", roubou dos mortos. Gente viva, muito viva, situada em posições não tão desprestigiadas assim, se beneficiou nos momentos dos torpedeamentos. Esta é uma história que precisará ser escrita.

Ao que tudo indica, num primeiro momento, os torpedeamentos trouxeram consequências nefastas ao cotidiano aracajuano devido ao medo, insegurança e revolta que provocaram. Num intervalo de pouquíssimo tempo, a ofensiva havia causado a

[8] **Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942).** Cadáver Nº 22. APES. Doc. 55.
[9] Cf. **Diário Oficial da União.** Seção 1. 17 Nov. 1948, p.17.
[10] Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943.
[11] Maria Martinha Araújo. **Depoimento.** In: CARVALHO, Rubens. U-507. Sergipe, 2008. 15min.
[12] Demétrio José dos Santos. **Depoimento.** In: CARVALHO, Rubens. U-507. Sergipe, 2008. 15min.

morte de mais de 600 pessoas. Revoltada, a população exigiu das autoridades vingança aos mortos. Em comunicado oficial, o Governo afirmou:

> *O inominável atentado contra indefesas unidades da Marinha de um paiz pacifico, cuja a vida se desenrola à margem e distante da guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de direito e humanidade*[13].

Mas seria possível explicar os torpedeamentos? Os relatos se acumularam em torno dos ataques daquele mês de agosto de 1942. Informações desencontradas alimentaram desconfiança. Por um lado, um problema no serviço de abastecimento de água destinado às embarcações, ainda em Salvador[14], despertou suspeitas. O defeito apareceu no dia 14, impedindo assim a saída de navios de Salvador. Apenas no dia 15 pela manhã, em pequenos intervalos, os navios foram liberados na seguinte ordem: 7h - Baependy, 11h - Araraquara, 12h – Aníbal Benévolo, 15h - Arará, 17h - Itagiba. A reordenação nas saídas e o problema inesperado, levantaram suspeitas sobre a possível ação de "súditos do Eixo" no apoio logístico aos ataques: "seria necessária a mais ingênua boa vontade, e, mesmo, parcialidade, para, em tal acordo de coincidências, negligenciar a suposição de movimentos combinados do agressor com informes de terra preciosamente precisos, favorecendo-lhes os intuitos", afirmou uma publicação dedicada ao relato dos ataques [15].

Resultado direto dessa situação, os boatos falavam em possíveis ataques aéreos, nos becos e esquinas burburinhos sugeriam a existência de auxiliares eixistas entre os aracajuanos. Alguns estrangeiros ligados ao Eixo e integralistas foram investigados e acusados de serem espiões[16]. Suspeitas apareciam a todo o tempo, como o caso dos

[13] Comunicado do DIP. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942.
[14] Sobre a Bahia na Segunda Guerra consultar: SAMPAIO, C. N. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Salvador: Academia de Letras da Bahia, nº 42, março 1996; BARRETO NETO, Raul Coelho. **Flores ao Mar**: os naufrágios navais brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Salvador: Press color, 2006; ROBATTO, Sonia. **Pé de Guerra**. Memórias de uma menina na guerra da Bahia. São Paulo: Editora 34, 1996; SANTANA, Geferson. **Barulhos de Guerra**: produção historiográfica baiana sobre a Segunda Guerra Mundial na Bahia (1939-45) In: VI Encontro Estadual de História, 2013, Ilhéus. **Anais Eletrônicos: VI Encontro Estadual de História**, 2013.
[15] Como ocorreram os cinco torpedeamentos. In: **Agressão**: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p.18.
[16] COSTA, Anailza Guimarães. **Os Torpedeamentos no Litoral de Sergipe em 1942**: estrangeiros e integralistas sob suspeitas. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão: 6ª edição. Disponível em: http://www.getempo.org/index.php/revistas/26-02/artigos/49-os-torpedeamentos-no-litoral-de-sergipe-em-1942-estrangeiros-e-integralistas-sob-suspeitas-por-anailza-guimaraes-costa. Acesso em: 30/06/2012 às 15:34h.

frades alemães do Convento dos Franciscanos no Bairro Santo Antônio, proprietários do Cine São Francisco. Afirmou-se que durante os *blackouts*[17], feixes de luzes, dos projetores cinematográficos, saíram do alto da colina em direção ao mar e que serviram de sinais para os alemães atacarem [18].

Ao analisar parte da documentação sobre este acontecimento, percebemos a distância entre os ataques e as suas apropriações por políticos, jornalistas e, *a posteriori*, memorialistas. Concebidos pela *Kriegsmarine* como parte de uma ampla estratégia[19] que visava atingir aos Aliados, comprometendo o abastecimento das nações envolvidas no conflito, os torpedeamentos de 15 e 17 de agosto foram transformados em uma ação arquitetada, em seus mínimos detalhes, para atingir aos navios mercantes que passavam especificamente próximo a Sergipe. Talvez por isto os estudos sobre o tema tem fornecido uma visão demasiadamente local do problema. Contudo, a guerra, com suas desgraças incontáveis, foi mundial.

Tamanha confusão ganha mais sentido se considerarmos que, na América do Sul, poucas cidades sentiram tão de perto os efeitos da Guerra quanto Aracaju. Poucas viveram a triste experiência de assistir ao macabro arremesso de cadáveres nas suas praias. Após as manobras do U-507, Aracaju – mas também o Brasil - percebiam que os campos de batalha não eram algo distante, "europeu" ou "africano". A Guerra estava ali, próxima, nas praias. Os ataques em águas sergipanas traziam pela primeira vez o conflito para a plataforma continental da América.

Conforme Ernest Lindley (1899-1979) em texto para o The Chicago Sun, em 24 de agosto de 1942, "to most South Americans, the Pearl Harbor attack was a remote affair. But the attacks on Brazil's shipping brought the war to the doorsteps of her

[17] Aracaju não foi a única cidade a sofrer com *blackouts* e ter o seu cotidiano alterado pela estratégia de defesa passiva antiaérea. Ver: CYTRYNOWICZ, Roney. Efeitos e imagens da mobilização civil na cidade de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Estudios Interdisciplinarios de America Latina y Caribe. Vol. 12, No. 01, 2001; CYTRYNOWICZ, Roney**. Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Geração Editorial, 2000;PEDREIRA, Flávia de Sá. Cousas da Guerra: o cotidiano do Trampolim da Vitória. In: Política do pós-guerra. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 393-416 e AGUIAR, José Nazareno Moreira de. **Cidade em Black-out**: crônicas referentes à Segunda Guerra Mundial, 1939-1945. Natal: EDUFRN, 1991.

[18] MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: anos 40 e 50. 4ªed, Aracaju: UNIT, 2007, p.146.

[19] O ataque do U-507 é cuidadosamente analisado por Durval Lourenço Pereira que, alias, levanta a hipótese de que o Comandante do submarine tenha tomado a decisão de atacar as embarcações brasileiras sem consultas mais atentas a seus superiores. Sobre isto ver: PEREIRA, Durval L. **Operação Brasil**: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

neighbor. Brazil is the bulwark of South America on the coast"[20]. Já o periódico *El Telégrafo*, do Equador, observou que o ataque significava uma ato de guerra à toda América do Sul:

> *El hundimiento de esos cinco buques mercantes no sólo es una manifestación de los sistemas nazistas; sino constituye una acción direta de guerra, con la que parece que inicia Alemania una franca e indistinta beligerância contra las naciones de Sur America*[21].

E, assim, invadida por boatos de todo tipo, tocada pela tragédia sem precedentes na história local e pela expectativa dos ataques se repetirem, a capital sergipana viveu dias de tensão. E os inimigos, antes inexistentes, começaram a ser vistos em quase todos os cantos. Daí a afirmação de que era preciso apontar os "inimigos do Brasil" em todos os lugares, inclusive nos bondes, clubes e cafés da capital [22]. Mas quem fazia parte deste grupo em Sergipe?

Nos relatórios policiais, o grupo identificado com possíveis atividades oposicionistas era relativamente pequeno e foi dividido em dois blocos. O primeiro, formado basicamente por brasileiros integralistas declarados e por suspeitos de participarem da extinta Ação Integralista Brasileira (AIB); o segundo era composto pelos estrangeiros que moravam em Aracaju e cidades próximas.

A população de estrangeiros[23] era pequena e a lista do Chefe de Polícia revela um quantitativo total de 24 depoentes. Entre os eles estava gente como Kurt Michel, que revelou não acreditar na culpa alemã no torpedeamento. Empregado na Fábrica de Tecidos São Gonçalo, o tcheco argumentou que os alemães não matavam crianças e tal prática não correspondia ao "sentido de honra do soldado alemão". Apesar de defender este ponto de vista, Michel, assim como fez o seu colega alemão Otto Weide, chefe da seção de eletricidade da mesma fábrica, teve o cuidado de escrever uma declaração ao Delegado de Polícia e ao Prefeito de São Cristóvão, cidade distante 26km de Aracaju.

[20] LINDLEY, Ernest. Brazil's action shows confidence in United Nations. **The Chicago Sun**. 24 de agosto de 1942.
[21] **El Telégrafo**. Guayaquil, 21 de agosto de 1942.
[22] O Estado Novo e o dever da Imprensa**. O Nordeste**. 03 de setembro de 1942, p.01.
[23] A presença dos "súditos do Eixo" em outros estados, sobretudo no Sul e Sudeste do Brasil, recebeu análises de diversos pesquisadores. Ver, por exemplo: DIETRICH, Ana Maria. A caça às suásticas: o partido nazista em São Paulo sob a mira da polícia política. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001; DIETRICH, Ana Maria. Porta-vozes de Hitler. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de janeiro, Ano 02, No. 20, maio 2007, p. 22-23.

A estratégia de produzir um documento escrito e "espontâneo" foi compartilhada entre outros estrangeiros do Brasil.

"Afirmo perante Deus e minha consciência que o Brasil e seu governo jamais encontrarão em mim sentimentos de traição aos meus patrícios" [24], declarou o comerciante português Manoel Ferreira Sant'Ana. Além do provável preconceito sofrido pelo lusitano, é preciso levar em conta o prejuízo financeiro. O comerciante, na declaração, identificou-se como Manoel "do Armarinho Sant'Ana", tendo assim o cuidado de identificar a sua loja.

Pelo que se apurou, o acima mencionado Manoel era um frequentador assíduo do *Salão Recorde*, localizado na Rua João Pessoa, centro de Aracaju, conhecido reduto de integralistas. Curiosamente, Sant'Ana não parece ter sido ouvido no processo dos estrangeiros, mas foi arrolado entre os "brasileiros" e aparecia numa listagem apresentada pelo Chefe de Polícia Enoch Santiago na qual estavam os nomes de possíveis "amigos comerciais da Alemanha". A mesma listagem apontava ainda um grupo de "integralistas fervorosos"[25].

Nos relatórios que produziu, fontes ainda pouco exploradas pela historiografia, o Chefe Santiago informa acerca de um grupo pequeno, porém ativo em suas conversas sobre o integralismo e o nazismo. Entre os estrangeiros interrogados, apenas Nicola Mandarino (italiano) e Herbert Merby (alemão) apresentaram evidências que os comprometia.

Policiais encontraram armamentos e explosivos, além de material propagandístico nas propriedades de Nicola Mandarino [26]. Não bastasse o retrato de Hitler, o italiano teve dificuldades para explicar a origem e finalidade do material apreendido: 456 cartuchos de guerra ogivais, 1402 balas de rifles, 75 cartuchos de guerra pontiagudos, além de 19 bananas de dinamite. Mandarino era conhecido por suas manifestações de apreço ao seu país de origem, pelas armas alemãs e pela "roda de

[24] Declaração. **Folha da Manhã**. 21 de agosto de 1942, p.06.
[25] Além de nosso preocupado comerciante lusitano, apareciam ainda Nicola Mandarino, Jaime Aragão, Francisco Pereira de Almeida, José Vieira de Menezes, Valter Loeser, Raimundo Leituga. Entre os "fervorosos" estavam cidadãos como Sérgio Valério, Gerônimo Moreno Garcia, Jacinto de Figueiredo Martins, Joaquim de Fraga Lima, Rosalvo Rosa Queiroz, Agnaldo Alves Celestino, João Alves da Costa Ouro, Carlos Augusto Travassos. Cf. SANTIAGO, Enoch. **Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideas nazi-fascistas.** Aracaju, 22 de dezembro de 1942.
[26] SANTIAGO, Enoch. **Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideas nazi-fascistas.** Aracaju, 22 de dezembro de 1942.

gente" que costumava cercá-lo: "súditos extremados do Eixo e antigos e extremados partidários do Integralismo", observou o Chefe de Polícia.

Por sua vez, Herbert Merby não ofereceu provas materiais, mas seu comportamento foi considerado "contrário aos interesses da segurança do Brasil". Descrito como "irreverente, incrédulo e mal educado", Merby trabalhava como consertador de pianos. Santiago escreveu: "em cada casa que ia concertar (sic) piano, deixava sempre a marca de sua suspeita". Certa vez, ao olhar para o quadro do Coração de Jesus na casa de um certo Roldão Fragoso, no centro de Aracaju, disparou: "-Tire esse judeu cretino da parede!".

Vale observar que, em meio à rarefação de registros sobre o caso Merby, é possível identificar um poema abordando as imposturas do consertador de pianos alemão: "Só mesmo fuzilamento/ao tal alemão audaz/afinador de pianos/dos reinos de Satanaz (sic)/ da casa do seu Antão/um palavra de arcabuz/chama de judeu cretino/um coração de Jesus", dizem os primeiros versos. O tal poema, assinado por um tal "Enio", que cita trecho do relatório do Chefe de Polícia, foi publicado em 15 de outubro de 1942 na coluna social da *Folha da Manhã*[27].

Divulgados em colunas sociais e páginas policiais, os boatos em torno das ações de Merby e dos negócios de Mandarino e outros estrangeiros circulavam pelas praças, cafés, bares e repartições públicas. E, em meio à rotina, as suspeitas floresciam. Reuniões em lugares mal iluminados, tais como a zona da Draga do Porto, nas proximidades do Trapiche Brown, levantavam suspeitas. O que poderiam fazer políticos e negociantes por ali, no meio da noite? Em depoimento à Polícia, um certo Pedro Alcântara de Oliveira Neto afirmou ter visto alguns parlamentares seguirem "pela sapata lateral do trapiche" para encontros noturnos. O objetivo seria manter articulada a ação da *Quinta Coluna* em Sergipe.

Quem passava por aquelas bandas na escuridão exigida nos *blackouts* programados, mencionados pelo *New York Times*? Possivelmente os mesmos indivíduos que frequentavam a casa de Antônio Lima de Faria, integralista que vivia na Rua Estância. Talvez figuras como Jacinto Figueiredo Martins e Gerônimo Moreno Garcia se fizessem presentes. Ambos eram conhecidos integralistas. O primeiro chegou a distribuir boletins mimeografados do movimento entre 1939 e 1940. Já o segundo impressionou ao Chefe de Polícia: "Esse é o homem; penso que ninguém lhe colhe a

[27] Enio. **Folha da Manhã**. 15 out.1942.p.4 (Setas e Flechas).

palma da inteligência no Integralismo". Se o Integralismo viesse a surgir em Sergipe, isto ocorreria através de Moreno Garcia, escreveu ainda Santiago. Provavelmente João Ouro também participasse dos encontros. Ele costumava ir à noite aos navios que aportavam em Aracaju, embora afirmasse que o fazia a serviço, mesmo estando fora do horário de trabalho [28].

Embora tais reuniões junto à Draga não tenham sido comprovadas pelas autoridades, o próprio Chefe de Polícia admitiu, elas poderiam ocorrer também em pontos móveis, de forma a dificultar a vigilância. Os relatórios policiais se mostraram inconclusos. Por falta de provas, inocentaram a maioria dos acusados[29].

Para a pequena parcela de habitantes estrangeiros em território sergipano, os problemas foram de diversas ordens. É importante observar que a maioria deles demonstrava viver no país há mais de uma década, além de serem casados com brasileiras e haverem constituído família aqui. Este fato certamente diminuiu a nuvem de suspeitas sobre aqueles mais discretos. Apenas em casos de exaltados como Herbert Merby e Nicola Mandarino a desconfiança era frequente.

Os relatórios produzidos pelo Chefe de Polícia Enoque Santiago sugerem que não foi considerada plausível a existência de um suporte logístico aos ataques de agosto de 1942. Todavia, devem-se ressaltar as estratégias semelhantes utilizadas por alguns estrangeiros para se defenderem (por declaração impressa, endereçada a alguma autoridade e à Imprensa), a negação destes de qualquer relação com o país de origem, bem como a rede de solidariedade estabelecida entre integralistas em Sergipe. Apesar do fim oficial do movimento, os "camisas verdes" locais se mostravam prontos para um retorno assim que as condições fossem favoráveis. Um aspecto que merece estudos mais cuidadosos.

Finalmente, o silêncio persistente sobre os saques e a leitura quase monolítica da sociedade sergipana nos dias dos torpedeamentos exigem pesquisas mais amplas, pedem novos mergulhos nos arquivos. É importante problematizar como as tensões mundiais pela proximidade e efetivação do conflito, bem como os ataques nas costas

[28] Enoch SANTIAGO, **Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideas nazi-fascistas.** Aracaju, 22 de dezembro de 1942, p. 5-6 e 11-12

[29] Enoch SANTIAGO, **Cópia do relatório feito pelo Doutor Enoch Santiago, no Inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de ideas nazi-fascistas.** Aracaju, 22 de dezembro de 1942, p. 4.

nacionais – com especial atenção para Sergipe – influenciaram as sociabilidades, alimentaram preconceitos, instigaram revoltas, boatos e alteraram a vida da gente comum. A partir de consultas a acervos em Sergipe, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, é possível observar como atividades políticas ultrapassavam as paredes dos gabinetes de governo e chegavam aos cafés, aos salões de barbeiros, às praças e aos cabarés.